

O VERDADEIRO IMPÉRIO DO MAL PODE SURPREENDER

Por William J. Astore*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Os Estados Unidos, autoproclamados defensores da paz e da democracia, acreditam que podem resolver todos os problemas bombardeando em nome da liberdade – o que gera lucros astronômicos para alguns.

Quarenta anos atrás, neste mês, fui nomeado segundo-tenente na Força Aérea dos EUA. Eu faria parte da força totalmente voluntária (AVF, *All-Volunteer Force*) dos Estados Unidos por 20 anos, atingindo minhas metas e me aposentando como tenente-coronel em 2005. Em minhas duas décadas de serviço, conheci muitos oficiais, soldados e civis excelentes e dedicados. Também trabalhei com o Exército, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais, e conheci oficiais e cadetes de países como Grã-Bretanha, Alemanha, Paquistão, Polônia e Arábia Saudita. Consegui não levar um tiro nem matar ninguém. Por estranho que pareça, em outras palavras, meu serviço militar foi pacífico.

Não me entenda mal: eu era um membro do complexo militar-industrial dos Estados Unidos. Não tenho ilusões sobre a finalidade da existência militar, e você também não deveria ter. Como historiador, tendo lido história militar por 50 anos da minha vida e também tendo ensinado história na Academia da Força Aérea e na Escola de Pós-Graduação Naval, sei um pouco sobre o que é a guerra, mesmo sem ter vivenciado o caos, a desordem, a violência ou a atrocidade da guerra diretamente.

Estar no serviço militar é estar preparado para matar. Eu não era um puxador de gatilho nem um lançador de bombas. No entanto, fiz parte de um serviço que, paradoxalmente, prega a paz por meio de um poder de fogo superior. Os militares americanos e, claro, nossos líderes governamentais, têm uma fé equivocada – na verdade, irracional – no poder das balas e bombas para resolver ou solucionar os problemas mais intratáveis. O Vietnã está se tornando comunista em 1965? Bombardeie-o até o inferno e volte. O Afeganistão apoia o terrorismo em 2001? Bombardeie-o descontroladamente. O Iraque tem armas de destruição em massa em 2003? Bombardeie-o também (mesmo sem armas de destruição em massa). Os houthis no Iêmen têm a ousadia de protestar e atacar em relação às atrocidades de Israel em Gaza em 2025? Bombardeie-os até o inferno e volte.

Infelizmente, “bombardear” é a opção preferida deste país, a que está sempre em pauta, a que nossos líderes frequentemente buscam primeiro. Os “melhores e mais brilhantes” dos Estados Unidos, seja na era do Vietnã ou agora, têm um forte desejo por destruição ou, como dizia o ditado naquela época longínqua, “tornou-se necessário destruir a cidade para salvá-la”. A julgar por seus atos, nossos líderes, de fato, há muito tempo parecem acreditar que muitas aldeias, vilas, cidades e países precisavam ser destruídas para salvá-las.

Minha própria expressão orwelliana para essa mania é: destruição é construção. Neste país, um exército excessivamente ofensivo é vendido como um exército defensivo, daí, é claro, a mudança de nome do Departamento de Guerra para Departamento de Defesa. Um exército imperial é vendido como um exército de combatentes e portadores da liberdade. Temos as mega-armas e o desejo de dominar de Darth Vader e, no entanto, milagrosamente, continuamos a acreditar que somos Luke Skywalker.

Este é apenas um dos muitos paradoxos e contradições contidos nas Forças Armadas dos EUA e, na verdade, na minha própria vida. Talvez valha a pena desvendá-los e explorá-los, enquanto me lembro do meu comissionamento aos 22 anos, em 1985 – há muito tempo, em um país muito, muito distante.

O IMPÉRIO DO MAL

Quando entrei em serviço em 1985, não havia dúvidas sobre o país que constituía o Império do Mal neste planeta. Como disse o presidente Ronald Reagan na época, era a União Soviética – autoritária, militarista, dominadora e decididamente indigna de confiança. Quarenta anos depois, quem, exatamente, é o império do mal? Seria a Rússia de Vladimir Putin com sua invasão da Ucrânia há três anos? O governo Biden certamente pensava assim; o governo Trump não tem tanta certeza. Falando em Trump (e como não falar?), não é correto dizer que os EUA estão cada vez mais autoritários, dominadores, militaristas e decididamente indignas de confiança? Qual país tem cerca de 800 bases militares em todo o mundo? Qual líder de país se gaba abertamente de orçamentos de guerra de trilhões de dólares e sonha com a anexação do Canadá e da Groenlândia? Não é a Rússia, claro, nem a China.

Quando vesti meu uniforme pela primeira vez, felizmente não havia Departamento de Segurança Interna, mesmo quando o governo Reagan começou

a confiar (mas verificando!) nos soviéticos nas negociações para reduzir nossos estoques nucleares mútuos. Curiosamente, em 1985, um presidente republicano envelhecido, Reagan, trabalhou com seu colega soviético, mesmo sonhando em criar um “escudo espacial” (SDI, *Strategic Defense Initiative*, Iniciativa de Defesa Estratégica) para proteger os Estados Unidos de ataques nucleares. Em 2025, teremos um presidente republicano envelhecido, Donald Trump, negociando com Putin enquanto aventa a ideia de uma “Cúpula Dourada” para proteger os Estados Unidos de armas nucleares (os republicanos no Congresso já buscam US\$ 27 bilhões para essa “cúpula”, então o apelido “dourada” é estranhamente apropriado e, dado o histórico de estouros de orçamento em armas americanas, sabe-se que esse seria apenas o ponto de partida para a projeção de seu custo crescente).

Quando a União Soviética entrou em colapso em 1991, os temores de uma terceira guerra mundial que levaria a uma guerra nuclear (como retratado em livros da época, como o popular romance *Tempestade Vermelha*, de Tom Clancy) diminuíram. E por um breve momento de glória, as Forças Armadas dos EUA reinaram supremas globalmente, pulverizando a imagem espelhada das Forças Armadas Soviéticas no Iraque com a Operação Tempestade no Deserto em 1991. Tínhamos superado a Síndrome do Vietnã de uma vez por todas, exultou o presidente George H. W. Bush. Era hora de alguns dividendos genuínos da paz, ou assim parecia.

O verdadeiro problema foi que aquele sucesso aparentemente instantâneo contra o superestimado exército iraquiano de Saddam Hussein reacendeu a verdadeira Síndrome do Vietnã, que consistia na confiança excessiva de Washington na força militar como forma de assegurar domínio, ao mesmo tempo em que supostamente fortalecia a democracia não apenas nos Estados Unidos, mas globalmente. A arrogância levou à expansão da OTAN para as fronteiras da Rússia; a arrogância levou a sonhos unipolares de domínio total em todos os lugares; a arrogância significava que os Estados Unidos poderiam, de alguma forma, ter as forças armadas mais morais e letais do mundo; a arrogância significava que nunca era preciso se preocupar com potenciais repercussões negativas ao se aliar a Osama bin Laden no Afeganistão ou com o risco de provocar uma agressão russa, já que a OTAN sugeria a Ucrânia e a Geórgia como futuros membros de uma aliança projetada para manter a Rússia subjugada.

Era o fim da história (assim se dizia) e a democracia ao estilo americano havia prevalecido.

Mesmo assim, militarmente, este país fez de tudo, menos se desmobilizar. Sob o presidente Bill Clinton, na década de 1990, houve alguns cortes orçamentários, mas o keynesianismo militar permaneceu, assim como o complexo militar-industrial-congressional. Clinton conseguiu um raro equilíbrio orçamentário devido a cortes nos gastos domésticos e à reforma da previdência social; seus cortes nos gastos militares, no entanto, foram modestos. Tragicamente, sob seu comando, os Estados Unidos não se tornariam “um país normal em tempos normais”, como a ex-embaixadora da ONU Jeanne Kirkpatrick um dia sonhou. Continuariam sendo um império – e cada vez mais faminto.

Nesse sentido, civis de alto escalão, como a Secretária de Estado Madeleine Albright, começaram a se perguntar por que este país tinha um exército tão soberbo se não estávamos preparados para usá-lo para mandar nos outros. Não importam as preocupações sobre a constitucionalidade do emprego de tropas americanas em conflitos sem uma declaração de guerra do Congresso (que desnecessário! Que antiquado!). Era hora de governar o mundo sem remorso.

Os calamitosos eventos do 11 de Setembro não mudaram nada, exceto o ímpeto de punir aqueles que desafiaram nossas ilusões. Esses mesmos eventos também mudaram tudo, pois os líderes americanos decidiram que era o momento de dobrar a aposta no império, de se tornarem ainda mais autoritários (o Patriot Act, a tortura e afins), de se voltarem abertamente para o “lado negro”, de atacar da única maneira que sabiam – mais bombardeios (Afeganistão, Iraque), seguidos de invasões e “surtos” – e então, lavar, enxaguar, repetir.

Então, havíamos realmente vencido a Síndrome do Vietnã no ano triunfante de 1991? Claro que não. Uma década depois, após o 11 de Setembro, encontramos o inimigo, e mais uma vez era o nosso governo não representativo, pronto para a guerra, por mais mal concebida e mal aconselhada que fosse – porque a guerra compensa, porque a guerra é “presidencial”, porque os líderes americanos acreditam que o verdadeiro “poder do seu exemplo” é exemplo após exemplo do seu poder, especialmente bombas explodindo.

A FORÇA “TOTALMENTE VOLUNTÁRIA” NÃO É O QUE PARECE

Falando como veterano e historiador militar, acredito que a força totalmente voluntária dos Estados Unidos perdeu o rumo. Os militares de hoje – ao contrário daqueles da “maior geração” da Segunda Guerra Mundial – não são mais soldados-cidadãos. Os “voluntários” de hoje se renderam à retórica de serem “guerreiros” e “combatentes”. Eles adquirem sua identidade ao lutar em guerras ou se preparar para elas, deixando de lado o juramento de apoiar e defender a Constituição. Eles se esquecem (ou nunca lhes foi ensinado) que devem ser cidadãos primeiro, soldados depois. Na verdade, eles passaram a abraçar uma mística guerreira muito mais consistente com regimes autoritários. Passaram a se considerar – com orgulho – uma raça à parte.

Com muita frequência, nestes Estados Unidos, um patriotismo afetivo foi substituído por um nacionalismo raivoso. Considere que os ideais cristocêntricos de “América Primeiro” são agora abertamente promovidos pelo comandante-em-chefe civil, independentemente de permanecerem antitéticos à Constituição e corrosivos à democracia. A nova “ação afirmativa” afirma abertamente a fé em Cristo e a confiança em Trump (fermentada com muitas bombas e mísseis contra os descrentes).

Os soldados-cidadãos da geração do meu pai, em contraste, pensavam por si mesmos. Eles se irritavam com a autoridade militar, confrontando-a quando parecia tola, perdulária ou ilegal. Eles se desmobilizaram em grande parte após a Segunda Guerra Mundial. Mas os guerreiros não pensam. Eles seguem ordens. Eles lançam bombas no alvo. Eles fazem a máquina de guerra funcionar no tempo certo.

Os americanos, quando não estão sobrecarregados por seus esforços para simplesmente sobreviver, em grande parte lavaram as mãos de tudo o que esses militares guerreiros fazem em seu nome. Eles sabem pouco sobre guerras travadas supostamente para protegê-los e se importam ainda menos. Por que deveriam se importar? Eles não são solicitados a opinar. Nem sequer são solicitados a fazer sacrifícios (além de pagar impostos e ficar de boca fechada).

Parece-me que muita gente nos Estados Unidos está agora jogando um jogo perigoso de faz de conta. Fingimos que as guerras americanas são autorizadas, quando claramente não são. Por exemplo, quem, além de Donald Trump (e Joe Biden antes dele), deu aos militares americanos o direito de bombardear o Iêmen?

Fingimos que todas as nossas tropas são voluntárias. Fingimos que nos importamos com esses “voluntários”. Às vezes, alguns de nós até fingem que nos importamos com essas guerras que estão sendo travadas em lugares e países que a maioria dos americanos teria dificuldade em encontrar em um mapa. Quão confiante você está de que tantos americanos conseguiriam apontar para o hemisfério certo para encontrar a Síria, o Iêmen ou zonas de guerra do passado como Vietnã, Afeganistão e Iraque? A guerra nem é mais tão boa para ensinar geografia aos americanos!

O QUE FAZER?

Se você aceitar que há um fundo de verdade no que escrevi até agora, e que definitivamente há algo errado que precisa ser corrigido, a pergunta permanece: O que deve ser feito?

Algumas ações concretas exigem nossa atenção imediatamente.

- Quaisquer guerras em andamento, incluindo “operações de contingência no exterior” e similares, devem ser interrompidas imediatamente, a menos que o Congresso emita formalmente uma declaração de guerra, conforme exigido pela Constituição. Chega de bobagens sobre MOOTW (*Military Operations Other Than War*), ou “operações militares que não sejam de guerra”. Ou há guerra ou há paz. Ponto final. Quer bombardear o Iêmen? Primeiro, declare guerra ao Iêmen por meio do Congresso.
- Guerras, supondo que sejam apoiadas por declarações do Congresso, devem ser pagas com impostos arrecadados, sobretudo, dos americanos que mais se beneficiam de combatê-las. Não haverá gastos deficitários para a guerra.
- Os americanos estão acostumados a “pecar” impostos para compras como tabaco e álcool. Então, não está na hora de um novo imposto sobre o “pecado” relacionado ao lucro com a guerra, especialmente por parte das corporações que fabricam as armas claramente superfaturadas, sem as quais tais guerras não poderiam ser travadas?

Para acabar com as guerras e enfraquecer o militarismo nos Estados Unidos, precisamos torná-lo não lucrativo. Enquanto forças poderosas continuarem lucrando tão generosamente com a guerra – mesmo que tropas “voluntárias”

sejam instruídas a aspirar a ser “guerreiras”, nascidas e treinadas para matar – essa loucura violenta nos Estados Unidos persistirá, se não se expandir.

Veja bem, a versão de mim com 22 anos achava que sabia quem era o império do mal. Ele achava que era um dos mocinhos. Ele achava que seu país e suas forças armadas representavam algo digno, até mesmo uma espécie de “grandeza”. Claro, ele era ingênuo. Talvez ele fosse apenas mais um faz-tudo inexperiente do império. Mas ele levou a sério seu juramento à Constituição e ansiava por um dia melhor, quando as Forças Armadas serviriam apenas como um impedimento em um mundo em grande parte em paz.

O eu que em breve completará 62 anos não é mais tão ingênuo e, hoje em dia, não tem tanta certeza de quem é mau e quem não é. Ele sabe que seu país está no caminho errado, que o caminho sangrento de balas e bombas (e lucrar com isso) é sempre perigoso para qualquer pessoa que ame a liberdade.

De alguma forma, os Estados Unidos precisam ser recolocados no caminho da liberdade que inspira e empodera os cidadãos, em vez de aspirantes a guerreiros brandindo armas em profusão. De alguma forma, precisamos aspirar novamente a ser uma nação de leis (podemos concordar que o devido processo legal é melhor do que nenhum processo?). De alguma forma, precisamos sonhar em ser uma nação onde o direito faz a força, uma nação que sabe que destruição não é construção, uma nação que troca balas e bombas por votos e beleza.

De que outra forma podemos nos tornar a América Bela?

Publicado no [Tom Dispatch](#).

**William J. Astore é tenente-coronel aposentado da USAF e professor de história, colaborador do TomDispatch e membro da Eisenhower Media Network (EMN), uma organização de veteranos e profissionais de segurança nacional dos EUA. Ele publica o blog Bracing Views no Substack. Seu novo livro, composto por 110 artigos que ele escreveu para o TomDispatch, é “American Militarism on Steroids: The Military-Industrial Complex, Unbounded, Uncontained, and Undemocratic”.*
